

**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

2



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2020

**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

2



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : cânones, ideias e lugares 2 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-117-6 DOI 10.22533/at.ed.176201906</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A produção da ciência passa pelos meandros da linguagem. Todos nós utilizamos a linguagem para interagir com nossos interlocutores e trabalhar com a linguagem é trabalhar também como focos estabelecidos e auxiliares do envolvimento dos sujeitos. Todos os sujeitos envolvidos na escritura desta coletânea se unem a outros tantos para que a formalização do conhecimento seja construída em uma cartografia de ideias e saberes.

Neste segundo volume deste e-book que surge em meio à pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2), Covid-19, infecção que tem assolado e desestruturado, emocionalmente, muitas pessoas que não tiveram uma experiência considerável com este sombrio momento que estamos passando; assim, externamos os nossos sinceros sentimentos e acreditamos que dias melhores estão por vir, mas, depende do compromisso de todos para que saíamos logo desse pesadelo que insiste em permanecer.

Escrever em uma situação de pandemia significa um momento solitário em que as lembranças insistem em se firmarem nas situações adversas da calamidade vivenciada pelo país e o planeta. A Covid-19 nunca foi e nem será apenas uma gripezinha ou um simples resfriado como alguns discursos malfeitos insistem perpetuar. A Covid-19 é uma infecção grave, merecendo inúmeros cuidados e todos nós somos responsáveis pela amenização dessa situação. O momento agora é de isolamento social sim e as ciências da linguagem despontam como necessárias para se pensar nas oportunidades e nos acessos que as artes, a linguística, a literatura e a linguagem encaminham os sujeitos a protagonizarem a participação no discurso.

Nesta obra são vinte capítulos que sancionam a multiplicidade de conhecimentos dos mais diversos autores que autorizam seus interlocutores a desbravarem os caminhos questionadores e propositivos das reflexões apresentadas. Cada um dos autores demonstram um avanço na diversidade das discussões que tomam as ciências da linguagem como portas que se abrem para o novo, para o inusitado e para o questionável.

Fazer ciência no Brasil não é uma tarefa fácil e este momento não representa uma ação digladiadora das áreas do conhecimento. Sendo assim, fazer ciência no Brasil é, sobretudo, um pleno exercício democrático, resistente e transparente de colocar o conhecimento em destaque para o acesso de todos.

Em linhas gerais, este e-book simboliza um amplo convite para que os leitores possam investigar os conhecimentos que estão apresentados em cada forma de organização do discurso e da linguagem. Logo, resta-nos desejar que os saberes encontrem suas experiências de trabalho com a linguagem, enfatizando que sejam boas e novas as reflexões apresentadas. Assim, aos pesquisadores e estudiosos de plantão desejamos uma boa leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O GÊNERO AUTOBIOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE PARA O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Edilson Barbosa Martins Joseval dos Reis Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.1762019061	
CAPÍTULO 2	14
LETRAMENTOS ACADÊMICOS NO ENSINO A DISTÂNCIA: O TCC DA ESCOLA DE GESTORES (FAE/UFMG)	
Ana Paula da Silva Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1762019062	
CAPÍTULO 3	32
O LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTO JUVENIL DE JOSÉ LINS DO RÊGO	
Adelmo Pereira dos Santos Hermano de França Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1762019063	
CAPÍTULO 4	41
OS ESTUDOS EM LETRAMENTO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS EM TORNO DA EDUCAÇÃO PRISIONAL	
Walkiria Felix Dias	
DOI 10.22533/at.ed.1762019064	
CAPÍTULO 5	51
AS EVIDÊNCIAS DAS CATEGORIAS ENUNCIATIVAS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1762019065	
CAPÍTULO 6	62
PERCEPÇÕES SOBRE O PORTUGUÊS PAULISTANO: UM EXPERIMENTO <i>MATCHED-GUISE</i> COMBINANDO AS VARIÁVEIS (CN), (ẽ) E (-r)	
Isabel Pie	
DOI 10.22533/at.ed.1762019066	
CAPÍTULO 7	70
USO DO POEMA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A ARTE DE LANGSTON HUGHES COMO UMA POSSIBILIDADE DIDÁTICO PEDAGÓGICA	
Lucas Damasceno Alberto Damasceno	
DOI 10.22533/at.ed.1762019067	
CAPÍTULO 8	81
POEMANDO POR AÍ: METODOLOGIAS ATIVAS E LUDICIDADE NO ENSINO DE POESIA	
Elaine Christina Mota Melissa Velludo Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.1762019068	

CAPÍTULO 9	94
GÊNERO E ARTE: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE MULHERES PINTORAS NO SURREALISMO	
Isabela Iani Borges Oliveira	
Giovanna Aparecida Schittini dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1762019069	
CAPÍTULO 10	108
MUSICOTERAPIA E CRIANÇAS SURDAS COM IMPLANTE COCLEAR (IC): INVESTIGAÇÃO DA PERCEPÇÃO MUSICAL	
Roberto Augusto Corrêa Reinert	
Noemi Nascimento Ansay	
DOI 10.22533/at.ed.17620190610	
CAPÍTULO 11	119
REPRESENTAÇÕES DO CAOS NA MÚSICA DO SÉCULO XVIII	
Felipe Galhardi Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.17620190611	
CAPÍTULO 12	128
A ICONOGRAFIA MUSICAL NA OBRA <i>A REDENÇÃO DO AMAZONAS</i> , DE AURÉLIO DE FIGUEIREDO	
Luciane Viana Barros Páscoa	
Keyla Moraes da Silva Martinez	
DOI 10.22533/at.ed.17620190612	
CAPÍTULO 13	143
<i>TRACES DE DANSEUSE</i> – OUTROS TEMPOS ALÉM DO INSTANTE DECISIVO NA FOTOGRAFIA DE DANÇA	
Daniela Remião de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.17620190613	
CAPÍTULO 14	155
O EXISTENCIALISMO NO ROMANCE <i>GRAÇA</i> , DE LUIZ VILELA	
Lucas Fernando Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.17620190614	
CAPÍTULO 15	165
JAMES JOYCE E DUBLINENSES: ENTRE O LOCALISMO E O COSMOPOLITISMO	
Alisson Kameya	
DOI 10.22533/at.ed.17620190615	
CAPÍTULO 16	175
NA TRILHA DA TRASH: QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE NO CINEMA E A MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA FANTÁSTICO	
Alice Fátima Martins	
Márcio Mário da Paixão Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.17620190616	

CAPÍTULO 17	185
O LABORATÓRIO IMAGINÁRIO: PRÁTICAS ESPECULATIVAS LOCALIZADAS	
Leonardo da Silva Souza	
Thawan Dias Santana	
DOI 10.22533/at.ed.17620190617	
CAPÍTULO 18	197
O MANIFESTO MARGINAL E AS SUAS MARGENS: UMA QUESTÃO DE REPRESENTATIVIDADE FEMININA	
Priscila Linhares Velloni	
DOI 10.22533/at.ed.17620190618	
CAPÍTULO 19	211
O TÚMULO DO GENERAL: HISTÓRIA E ARTE NO <i>BRITISH CEMETERY</i> DO RECIFE	
Davi Kiermes Tavares	
José Paulo Seifert Brahm	
Ronaldo Bernardino Colvero	
DOI 10.22533/at.ed.17620190619	
CAPÍTULO 20	225
RESGATANDO O ESPAÇO PÚBLICO: TEATRO DO OPRIMIDO & ESCOLA	
Antonio Carlos Figueiredo Costa	
DOI 10.22533/at.ed.17620190620	
SOBRE O ORGANIZADOR	234
ÍNDICE REMISSIVO	235

O MANIFESTO MARGINAL E AS SUAS MARGENS: UMA QUESTÃO DE REPRESENTATIVIDADE FEMININA

Data de aceite: 01/06/2020

Data de submissão: 05/03/2020

Priscila Linhares Velloni

Instituto de Estudos da Linguagem (Iel), Unicamp
Campinas – São Paulo

Link para acesso ao Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1326622632614657>

RESUMO: Ferréz, no início dos anos 2000, desenvolveu um verdadeiro manifesto literário em parceria com a Revista Caros Amigos e o grupo 1DaSul, dividido em três atos, o autor visava abrir espaço, em meio à hermética cena literária, para a inserção de artistas provindos de zonas periféricas urbanas e outras minorias sociais, como indígenas, sujeitos em condição privativa de liberdade e mulheres, adjetivados enquanto produtores de uma “Literatura Menor”. No entanto, partindo dessa proposta central de abertura polifônica na ficção brasileira, levanta-se o seguinte questionamento: a representatividade dos participantes dos volumes especiais da série “Literatura Marginal - a cultura da periferia” é igualitária? Central a este breve artigo, que, após averiguá-lo, intende analisar especificamente as vozes femininas

partícipes, atentando-se, especificamente, às temáticas abordadas nas produções, às origens geográficas, a participação efetiva em algum movimento social ou mesmo musical de três delas, que são, respectivamente: Maria Conceição Paganele, Dona Laura e Elizandra Souza.

PALAVRAS-CHAVE: Ferréz; Revista Caros Amigos; Literatura Marginal; Representatividade Feminina.

THE MARGINAL MANIFEST AND ITS MARGINS: A QUESTION OF FEMALE REPRESENTIVITY

ABSTRACT: Ferréz, in the early 2000s, developed a veritable literary manifesto in partnership with Caros Amigos Magazine and the 1DaSul group, divided into three acts, the author aimed to open space, in the midst of the hermetic literary scene, for the insertion of artists from peripheral urban areas and other social minorities, such as indigenous people, individuals in deprivation of liberty and women, adjectives rather than a “Smaller Literature”. However, an integral part of the central proposal of polyphonic opening in Brazilian fiction, survey and subsequent questioning: is a representative of the participants of the special volumes of the

series “Literatura Marginal - a cultura da periferia” egalitarian? Central to this brief article, which, after investigating it, intends to analyze specifically the female voices involved, focusing specifically on the themes addressed in the productions, the geographical origins, the effective participation in some social movement or even musical of three of them, who are respectively: Maria Conceição Paganele, Dona Laura and Elizandra Souza.

KEYWORDS: Ferréz; Caros Amigos Magazine; Marginal Literature; Female Representativeness.

A experiência da realidade não é a mesma para todos.
Hernst Block

INTRODUÇÃO

Entre os anos de 2001 e 2004, Ferréz – codinome¹ usado pelo escritor Reginaldo Ferreira da Silva – desenvolveu um projeto editorial intitulado de “Literatura Marginal: a cultura da periferia”, em parceria com a Revista *Caros Amigos* e com o grupo 1DaSul², o qual tinha como interesse medular a divulgação de produtores artístico-culturais provenientes de regiões periféricas urbanas e de minorias sociológicas (como sujeitos em condição privativa de liberdade, indígenas e mulheres). Além do esforço em proporcionar uma oportunidade ímpar a esses artistas, a proposta também tinha como objetivo a promoção identitária desses sob o resguardo nominal de “marginais”.

A concretização desse prospecto encabeçado pelo autor proveniente de Capão Redondo, Zona Sul de São Paulo, fomentou a organização de um movimento fortemente alicerçado nas diretrizes do manifesto literário delineado pelos três atos que compõe a edição especial do periódico em questão. Apontada a sua importância enquanto matriz gerativa desse grupo de escritores que até então estavam à deriva literária por pertencerem a grupos sociais minoritários, o presente trabalho delimita os seus volumes como *corpus laborativo*, apresentando dois focos de interesse investigativo: o primeiro relacionado aos problemas que circundam esse lugar determinante reivindicado pela nomenclatura proposta, principalmente relacionados à representatividade feminina; e o segundo concernente ao mote da escrita dessas mulheres partícipes do periódico.

Com o intuito de atingir resultados tangíveis que supram os objetivos previamente propostos por este estudo, pretende-se averiguar as mudanças ocorridas no panorama histórico e literário brasileiro que permitiram a inserção dessas novas vozes discursivas e a sólida estruturação do movimento Marginal. Após isso feito, intende-se realizar uma

1. Formado a partir da “simbiose de dois líderes populares do passado: Virgulino Ferreira e Zumbi dos Palmares. Desta união resulta o escritor do cenho franzido e cara de poucos amigos.” (PATROCÍNIO, 2013, p. 150).

2. O significado da sigla é atribuído por Ferréz em seu blog: “Todos 1 pela dignidade da Zona Sul.” “O projeto foi concebido enquanto um movimento social que objetivava fortalecer os elos comunitários da região do Capão Redondo.” (PATROCÍNIO, 2013, p. 150-51). Os seus integrantes formavam a comissão que selecionava os participantes dos atos da *Caros Amigos/ Literatura Marginal*.

análise quantitativa dos dados apresentados nos perfis biográficos dos 48 participantes do manifesto “Literatura Marginal: a cultura da periferia”, verificando a origem geográfica, a relação com movimentos sociais, musicais e literários, assim como a origem etnológica e a identificação de gênero desses artistas.

Após esse levantamento, será feita uma leitura atenta aos textos “Sonho de uma mãe da Febem”, de Maria Conceição Paganele, que se encontra no ato II; “Vingança de Brechó”, de Dona Laura, presente no ato III; e dos quatro poemas de Elizandra de Souza, que são respectivamente “um feto”, “suicídio”, “lixão” e “Maria”, que também estão inseridos no último volume da revista, atentando-se às temáticas abordadas.

O PROCESSO DE ABERTURA POLIFÔNICA E O INÍCIO DO MOVIMENTO MARGINAL

Nos meandros das décadas de 1930 e 40, a alta-roda elitista brasileira encucada com o signo do progresso importado do *autre mer* europeu e, a posteriori, estadunidense, desenvolveu projetos centrados em políticas de abertura econômica ao capital estrangeiro e de implantação de indústrias operantes a níveis internacionais, como forma de alavancar a então pátria subdesenvolvida com alto potencial emergente. Essas medidas, acentuadas no período do regime militar (1964-1985), promoveram uma intensa translocação populacional do campo agrário à *urbe* fabril, a qual se tornava cada vez mais convidativa ante a promessa da oferta de melhores condições empregatícias e salariais. Todavia, esse montante migrado – principalmente para a região Sudeste do país –, somado às exigências qualificativas da mão de obra operaria, acabou por desequilibrar a balança sistêmica da oferta e procura. Nessa conjuntura, “a economia cresceu acentuando os desníveis entre os vários grupos e as várias regiões. E os setores não-integrados aos novos mecanismos e às novas relações de produção ampliaram-se em progressão geométrica” (GONZAGA, In: FERREIRA, 1981, p. 148).

O resultado desse rearranjo estrutural no âmbito econômico do país foi o intenso processo de “favelização” dos grandes centros urbanos, iniciado na década de 1960. O surgimento dessas novas zonas metropolitanas homologou o distanciamento de realidades tão díspares e intensificou os contornos das esferas sociais, por meio da elaboração de discursos estigmatizantes. A doxa atribuía a esses sujeitos o título de “marginais” e os identificava como focos a serem combatidos, uma vez que eram associados aos problemas urbanos, dentre eles, o aumento da criminalidade, a pobreza, o banditismo e a violência. A via única percorrida pela marcha da desigualdade autenticava a produção cultural dos altos estratos sociais enquanto oficiais e operava em prol do apagamento *outsider*.

No entanto, o predicado que taxava os habitantes de regiões desprestigiadas adquiriu uma nova significância valorativa no *intermezzo* temporal da vigésima primeira virada

secular, em decorrência de mudanças fulcrais no panorama brasileiro: fissuras foram abertas, permitindo que esses “outros” se inserissem enquanto produtores discursivos ativos de suas próprias vivências, através de um longo e massivo processo de reivindicação da própria voz. O movimento operado por esses sujeitos não remete apenas à viabilidade de locução, mas “da possibilidade de falar com autoridade” (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 43), e mais do que isso, “de estabelecer essa voz como meio de expressão coletiva, utilizando para tanto um espaço do qual esses grupos foram, quase sempre, excluídos: a literatura.” (PATROCÍNIO, 2013, p. 64).

Nesse decurso, o livro *Cidade de Deus* (1997), escrito por Paulo Lins, é considerado o marco inicial³ desse processo de abertura polifônica no campo literário, posto que

O romance modifica radicalmente o paradigma da representação subalterna no Brasil, ao representar – de uma forma inaugural nas letras brasileiras – a visão da pobreza, de dentro [...], ou seja, a um narrador que escreve ou poetiza a vivência da favela ou comunidade não a partir da perspectiva exterior de um especialista, um antropólogo, jornalista, assistente social, como tradicionalmente se fez no Brasil, mas como alguém que ali morou de fato muitos anos, dono portanto de uma experiência autêntica da realidade que narra, e que o autoriza a falar dela. (PENNA, 2013, p. 283-84)

Apesar do autor ser reconhecido enquanto prógono da mudança angular prismática ocorrida no cenário das letras brasileiras, em razão de sua composição narratológica refletir diretamente a sua vivência social locativa de uma zona periférica carioca, conforme bem pontua João Camillo Penna no trecho acima apresentado, nunca reconheceu a marca de “marginal” a seus escritos, nem tinha a pretensão. Esse título somente será entendido como identidade autoral pelo seu legatário, Ferréz, com a publicação, não sem grande esforço de inserção no meio literário, de seu livro *Capão Pecado*, lançado no ano de 2000, pela editora Labortexto, com o qual “o vínculo entre rua e discurso é reafirmado, ou seja, a junção entre território e sujeito apresenta-se como uma forma de construção de uma identidade inscrita no território da periferia.” (NASCIMENTO, 2009, p. 114-5).

O escritor do romance proveniente da tão desprestigiada Zona Sul paulista, por ser “detentor de uma visibilidade ímpar” (PATROCÍNIO, 2013, p. 170), eleva o seu reconhecimento nominal à dimensão de movimento⁴, por meio da parceria com a Revista *Caros Amigos*, conforme já foi pontuado anteriormente nesse trabalho. Esse só se solidificou por conta dessa nova estruturação social do panorama brasileiro, que permitiu que esses sujeitos oriundos de zonas socialmente desprestigiadas se reconhecessem enquanto produtores culturais.

A marginalidade enquanto ponto estigmático de uma literatura menor

3. A obra é considerada pioneira nesse processo pelo fato de ter sido escrita por um autor que habitava a região periférica do Rio de Janeiro descrita na narrativa, no entanto, anteriormente a sua publicação já se verificavam alguns casos pontuais no circuito literário brasileiro, a tomar como exemplo Carolina Maria de Jesus, João Antônio, Solano Trindade e Plínio Marcos.

4. Interessante pontuar que “A literatura da periferia de São Paulo se divide em dois períodos históricos: a) Literatura Marginal, de 2000 a 2005 e b) Literatura Periférica, a partir de 2005 até os dias atuais. [...] O segundo período é marcado pela ascensão dos saraus, principalmente do Sarau da Cooperifa.” (LEITE, 2014, p. 1).

Aberta a discussão que tange a consagração do atributo “marginal”⁵ enquanto arcabouço identificador do movimento composto por autores oriundos de subúrbios metropolitanos e pertencentes a minorias sociais, neste momento da pesquisa, se faz necessária uma breve revisão terminológica relacionada às discussões em voga no campo literário brasileiro, visto que esses escritores encontram desprestígio e resistência em seu reconhecimento por parte da crítica, referenciados, muitas vezes, enquanto produtores de uma “literatura menor”.

Esta rotulação apenas existe em virtude de relações hieráticas e, ao mesmo tempo, antagônicas de reconhecimento valorativo textual, estabelecidas em um meio artístico de difícil delimitação fronteiriça, uma vez que, segundo a conceituação atribuída por Marcos Natali em seu texto intitulado “Além da Literatura” (2006), todas as produções que se encontram fora do âmbito historiológico são enquadradas dentro dessa ampla moldura que é a Literatura.

Isto posto, as lendas, os cantos, o folclore, assim como a literatura produzida por negros, indígenas, marginais, mulheres e outras minorias sociológicas nacionais não são tidas como formas “complexas e difíceis de produção escrita” nem relacionados a “grande civilização”. (CANDIDO, 1995, p. 242). Assim, a proveniência discursiva do material literário relacionado tanto ao gênero textual quanto a seus produtores, são demarcadores de suas posições enquanto subcategorias dentro desse vasto quadro, por meio de adjetivações que refletem os estratos de uma classificação literária concêntrica: “Literatura Negra”, “Literatura Feminina”, “Literatura Marginal”, e certas vezes, duplamente demarcada, como o caso da “Literatura Marginal Feminina”.

Com relação à alcunha de “marginal”, o estudioso Robert Ponge define esse tipo de produção como sendo a “literatura que, **num momento dado**, aparece à classe dominante (isto é, à classe dominante e/ou a seus ideólogos, seus críticos, sendo o consenso relativamente unânime) como **outra**, como não lhe pertencendo” (PONGE, In: FERRIERA, 1981, p. 139). Apesar de ser uma definição, em certo grau, datada, esses escritores ainda são considerados “outros” opositivos à classe dominante, no entanto, com a abertura polifônica subalterna, essa forma de escrita que “está sendo produzida por quem está excluído social, econômica e literariamente” (HOSSNE, 2003) tornou o campo literário uma arena na qual se enfrentam vozes já consagradas e vozes ainda “não autorizadas”, esses últimos, por sua vez, “querem fazer, assim, de sua voz, um protesto contra as estruturas sociais que oprimem essa grande parte da população sem oferecer-

5. O termo “marginal” não é uma novidade no meio literário, uma vez que era usado anteriormente na identificação de alguns literatos associados ao movimento da contracultura dos anos de 1970. A esse respeito Heloísa Buarque de Hollanda esclarece: “*Los poetas marginales cariocas eran. En su gran mayoría, universitarios, pertenecientes a la clase media, digamos, una clase media más alta que baja, adoraban la alegría y la irreverencia, y eran claramente contra-culturales. O sea: contra la literatura establecida contra el mercado, contra el sistema. [...] El nombre de marginal tenía que ver con una posición contra el sistema, fuese político, religioso, educacional, inclusive el literario. Aparentemente, no se decían escritores y, como decían, escribían ‘por azar’, intentando fundir vida y obra. Marginales, por lo tanto, por propia voluntad, por decisión y por opción ideológica y literaria.*” (HOLLANDA, 2009, In: TENNINIA, 2014, p.217).

lhes qualquer oportunidade de modificação” (POLINÉSIO, 1994, p. 153).

A estruturação dessa voz “não autorizada” em um movimento literário liderado pelo autor de *Capão Pecado* transfigurou esse tom taxativo à produção desses autores, fazendo dela o seu eixo identificador. Conforme Ferréz afirma: “A gente separa só pra ter uma proteção também. Porque o cara fala...gosta de te rotular pra te discriminar. E a gente rotula pra ter uma proteção. Pra falar que a gente também não faz parte daquela literatura contemporânea boazinha que os caras fazem e tal.” (FERRÉZ, ENTREVISTA, 16/05/2007. In: SILVA, 2013, p. 633-34).

AS (SUB)MARGENS DA MARGINALIDADE

Sem grau algum de dúvida, a formação do escudo nominal que “protege” os membros desse grupo marginal, não diferente do campo literário, apresenta como insígnia a segregação, uma vez que a representatividade dentro desse movimento não é igualitária, podendo ser verificada pela análise quantitativa dos 48 perfis autorais apresentados em pequenas formulações biográficas ao final de cada uma das contribuições da edição especial da Revista *Caros Amigos*.

O ato I (2001) contou com a participação de dez autores, sendo que oito deles eram originários ou moradores, à época da publicação, de regiões periféricas do estado de São Paulo e apenas dois dentre eles, eram habitantes de zonas suburbanas cariocas, Edson Veóca e o já consagrado Paulo Lins; apenas Értton Moraes estava engajado em um movimento social chamado “Trokaoslixo”; Atrês e Cascão eram MCs dos grupos musicais Outra Versão e Trilha Sonora do Gueto respectivamente; oito já tinham livros publicados; nenhum dos partícipes desse ato encontrava-se em estado de privação de liberdade nem eram indígenas; além do mais todos eram homens.

O ato II (2002), devido as proporções difusivas tomadas pela publicação do primeiro volume do movimento, editou a laboração de 28 escritores, sendo que Ferréz e Cascão já haviam contribuído com suas produções autorais no primeiro volume. Dentre eles, dezoito eram residentes de periferias paulistas e os demais provenientes dos estados do Rio de Janeiro, Ceará, Piauí, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul e apenas um residia fora do país, o mexicano Comandante Marcos; oito deles estavam relacionados à causas sociais e seis a movimentos musicais; Gato Preto e Ridson Mariano da Paixão participavam do grupo de cordel urbano “Extremamente” e Ferréz relacionado à “Literatura Marginal”; quatro já tinha publicação de livro; Almir Cutrin Costa Júnior e Geraldo Brasileiro estavam presos no momento da edição; Káli-Arunoé e Maria Inziné eram as únicas duas participantes de origem indígena; e, além dessas duas, mais três mulheres participaram do periódico (Maria da Conceição Paganele, Dona Laura e Cláudia Canto).

Por fim, o ato III (2004) apresentou em sua publicação os materiais de dezenove autores, dos quais, Alessandro Buzo e Atrês já haviam contribuído com o primeiro ato e Gato Preto, Ridson Mariano da Paixão, Preto Ghóez, Jonilson Montalvão e Dona Lauto com o segundo. Dentre eles, quatorze possuíam origem geográfica paulista e os demais oriundos da Bahia, Piauí, Rondônia, Rio Grande do Sul e Brasília; quatro desses autores estavam relacionados à causas sociais; sete participavam de grupos musicais relacionados ao *rap* e ao *hip hop*; três estavam inseridos em movimentos literários; cinco já haviam publicado livro à época da publicação; nenhum partícipe desse ato estava isento de liberdade nem era indígena; e, quatro mulheres apresentaram seus materiais autorais, que são Cernov, Lutigarde, Elizandra Souza e, novamente, Dona Laura.

O manuseio numérico planifica esse mosaico identitário supostamente heterogêneo abarcado pelo designativo “marginal”, evidenciando as suas nuances representativas. À vista disso, é notável que para a edição do primeiro volume foram selecionados apenas artistas residentes do eixo São Paulo-Rio de Janeiro, com a participação de encarcerados, indígenas e mesmo mulheres completamente descartadas. O caráter excludente desse primeiro ato poderia ser justificado pelo fato de possuir um forte teor promocional de projeto ainda em um tímido processo de consolidação, com pouca filiação artística. Não obstante, mesmo os atos seguintes terem apresentado em seus índices uma maior diversidade compositiva da margem, em decorrência da difusão e adesão ao movimento proposto pelo autor de *Capão Redondo*, a discrepância representativa permanece.

Identificada essas minorias dentro dos atos compositivos do manifesto literário Marginal, se verifica que o relevo adquirido pelos autores provenientes de zonas de exclusão metropolitana fora do Estado de São Paulo é de apenas 23%; de origem étnica indígena, assim como de presidiários, de 2%; e a representatividade autoral feminina era de somente 17%.

OITO VEZES MULHER

O baixo percentual representativo feminino confirma o que já foi discutido anteriormente nessa pesquisa; a existência de margens dentro da própria margem. Dessa forma, as vozes artísticas femininas configuram uma subcategorização à Literatura Marginal, que continua apresentando como local identitário as áreas desprestigiadas socialmente, no entanto, agora expondo uma perspectiva gendrada.

Os perfis das oito mulheres partícipes dos volumes da edição especial são extremamente diversificados, no entanto, algo une essa produção feminina, que apresenta uma “função política, na medida em que [...] procuram, por meio das mais diferentes formas de representação, desconstruir noções conservadoras de [...] gênero, reconstruindo, revalorizando e revitalizando aspectos de cada um, sempre escamoteados pelas estruturas sociais conservadoras.” (PELLEGRINI, 2002, p. 361)

Como forma de averiguar essa função de posicionamento político, mesmo que não explícito, das autoras frente a sua condição de gênero, será analisado, a seguir, as temáticas abordadas no conto “Sonho de uma mãe da Febem”, de Maria da Conceição Paganele, “Vingança de Brechó”, de Dona Laura e os quatro poemas de Elizandra Souza, intitulados respectivamente “Um feto”, “Suicídio”, “lixão” e “Maria”.

MARIA CONCEIÇÃO PAGANELE

“Maria da Conceição Paganele, moradora de Cidade Tiradentes, bairro pobre no extremo leste da cidade de São Paulo. É uma das fundadoras e atual presidente da AMAR, a associação que reúne mães que têm filhos internados na Febem.” (LM-II, 2002, p. 8)

O seu texto intitulado “Sonho de uma mãe da Febem” foi um dos selecionados para a composição do segundo ato do manifesto, conforme se pode inferir pelo título, a formulação narratológica que é desenvolvida ao longo do conto é a situação de uma mãe que possui o seu filho internado na Febem. Os sofrimentos e angústias da narradora são explorados por meio de um processo de revisitação de memórias, iniciado a partir do momento em que seus anseios juvenis de um futuro próspero são quebrados em decorrência a uma péssima união matrimonial, na qual, o seu cônjuge, além de ser alcoólatra, é extremamente violento.

Após traçado esse primeiro cenário, que se configura extremamente opressivo à condição da mulher em uma sociedade estruturada sob a égide patriarcalista, a narradora apresenta a sua segunda desventura. Devido um ataque cardíaco o seu marido vem a óbito, deixando-a sozinha para sustentar os seus filhos ainda pequenos e, como os recursos eram escassos, não tinha como contratar uma pessoa que os olhasse enquanto enfrentava os exaustivos turnos de trabalho, deixando-os sozinhos. Aparentemente, essa remodelação enfrentada pela família parecia ter ocorrido de modo plácido, no entanto, a narradora logo descobre o maior infortúnio de sua vida, que era o envolvimento de seu filho caçula com o universo das drogas.

O menino, ainda menor de idade, por ser usuário de substâncias tóxicas, acabava cometendo atos ilícitos e se envolvendo em problemas com a polícia, que o tratava de maneira hostil e humilhante. A forma desrespeitosa como esses agentes agiam com o rapaz se estendia à sua família, que, por serem desfavorecidos economicamente e moradores de uma região de desprestígio social, os associavam enquanto pactuantes às infrações do menor, conforme é claramente narrado na seguinte cena:

Uma certa noite a polícia no seu portão perguntou se todos ali eram ladrões o seu prídigo estava na delegacia, os policiaos a ofenderam, dizendo que na sua casa havia drogas e armas. A sua filha mais velha os mandou revistar a casa, e assim ela entrou no carro, e ali atrás deitado no solo da viatura o seu filho algemado, tamanha dor gritou pelo seu nome. O que você fez? Estava drogado, respondeu, roubei um carro. Ninguém neste mundo podia imaginar tamanha dor da sonhadora sozinha naquele DP. (PAGANELE, LM-II, 2002, p. 8)

Ao contrário do que é suposto pelos agentes militares, a família do jovem infrator não compactuava com as ações por ele tomadas. Principalmente a sua mãe, que se sente culpada pela ausência em sua criação, e ao vê-lo naquele estado deplorável procura ajuda em instituições do Estado, como o Conselho Tutelar e o Fórum da Infância, mas todas as portas são radicalmente fechadas, não encontrando a quem recorrer. No entanto, a esperança da genitora é despertada novamente quando o seu menino vai para a Fundação do Bem-Estar do Menor (Febem), achando que esse era um lugar onde ele iria se reabilitar de modo pacífico. A realidade se revela outra, a narradora ao visitar o menor testemunha as condições precárias na qual o seu filho estava vivo e assim descobre o que realmente é a Febem:

O que é Febem? Fundação do Bem-Estar do Menor. Mais uma vez, é sonhadora e acredita que é um colégio especial, para jovens especiais, como o seu menino, e que lá ele estaria sendo tratado, longe das drogas, da exploração dos traficantes, espancamento da polícia. Enfim, seria tratado com certeza, teria naquela escola os melhores psicoterapeutas, assistentes sociais, uma equipe selecionadíssima, pois o valor que é pago para atendimento a esses jovens é muito alto, 1800 reais é muito dinheiro. Passam alguns dias, a visita, que horror, ele já tinha sarna, as roupas, ou grande demais ou pequenas. (PAGANELE, LM-II, 2002, p. 8)

Nessa cena relatada, todas as suas expectativas são duramente estilhaçadas. A dor aguda sentida por ela ao ver o seu rebento daquela maneira, faz com que a narradora tome a iniciativa de fundar a “associação que reúne mães que têm filhos internados na Febem” (AMAR), a qual promove, por meio de um processo de compartilhamento de semelhantes vivências, a união de mães que sofreram tanto quanto a autora.

Ao analisar o conto de Maria da Conceição Paganele, se constata que há questões que perpassam o ponto norteador da narrativa apresentado já em seu título, como a violência doméstica, a submissão da mulher, as condições financeiras precárias, as consequências do vício das drogas e do álcool. Além do mais, é interessante pontuar que o intuito da participação de Paganele na revista não é a sua promoção literária, mas sim a divulgação do amparo proporcionado por sua associação.

DONA LAURA

“Dona Laura é moradora da Colônia de Pescadores Z-3, em Pelotas, RS. Ela alfabetizou-se aos 50 anos e não parou mais de escrever, tornando-se uma espécie de porta-voz de sua comunidade.” (LM-II, 2002, p. 9);

“Laura Matheus, escritora participou do Literatura Marginal Ato II e é porta-voz de sua comunidade na colônia de pescadores Z-3, em Pelotas, RS.” (LM-III, 2004, p. 27)

Conforme já mencionado anteriormente, Dona Laura foi a única autora participante da revista que teve seus materiais autorais publicados em mais de um ato. O seu primeiro texto selecionado foi o conto intitulado “Olhos de Javair”, presente no ato II, e o segundo,

com o qual será travado um contato analítico direto, “Vingança de Brechó”, foi escalado como integrante do ato III.

O conto narra a história de uma moça indígena, chamada Potira, a qual, por possuir um espírito liberto, mantém fortes vínculos com a natureza local. Os prados e as cachoeiras compositivas da localidade despertam a sexualidade da índia, que não tendo amarras amorosas, estabelece contato com diversos homens de seu vilarejo. Um deles, Brechó, que era o seu melhor amigo, acaba se apaixonando por ela e pleiteando o seu amor por ela a todos da cidade. Januário, membro de um grupo adversário, não aceitando essa atitude tomada por Brechó, por também possuir sentimentos por Potira, se envolve em uma briga de bar com o moço e acaba saindo machucado.

Nesse entretempo, a moça acaba engravidando e se mudando para a casa de Brechó, o qual tinha arranjado um emprego para manter a criança. No entanto, na ânsia de destruir por completo o seu rival, Janu, trama um plano de tirar o bem mais precioso de Brechó, Potira, que é assassinada brutalmente. A cena descritiva do encontro do corpo da moça é de alta voltagem poética, conforme se confere no excerto abaixo:

Rosa que nasceu no lodo tem vida curta, e nem é pela lama existente no lugar, e sim pelos olhares cobiçosos. Potira era uma semente rara, desviada da estufa. Aconteceu. O assassino, após saciar os seus instintos malignos, deixou o corpo dela à beira da cachoeira, para ser encontrado, e foi, ainda quente. Doou-se inteira, sem nada cobrar da vida, da qual foi arrancada escambrosamente, sem entender por quê. (MATHEUS, LM-III, 2004, p. 26)

O episódio revela a inocência de Potira com relação a situação que já vinha se esboçando anteriormente. Em decorrência a esse fato, o filho da jovem, Januário e Brechó fogem, separadamente, para a cidade de São Paulo, onde enfrentam situações adversas e acabam por se inserem no mundo do crime. O destino traçado ao filho da índia é a sua morte pelo mesmo assassino da mãe, o qual acaba encarcerado na mesma prisão que Brechó cumpria pena por estar relacionado às drogas. Os rivais validam as suas dívidas por meio de um duelo, em que os dois acabam mortos.

É perceptível pela diegese do conto “Vingança de Brechó”, que a autora toca em tópicos relacionadas à discriminação da liberdade sexual da mulher e à objetificação feminina por parte da dominação masculina. Além dessas questões relacionadas diretamente ao posicionamento corporal feminino dentro de uma sociedade conservadora, a violência é um elemento presente, iniciado pelo brutal assassinato da índia e intensificado quando a ambientação se volta à metrópole paulista.

ELIZANDRA SOUZA

“Elizandra Souza é moradora do Jardim Noronha, Zona Sul de São Paulo, edita fanzine MJIBA há dois anos e mostra que, mesmo no meio do lixão, ainda podem nascer flores.” (LM-III, 2004, p. 30)

A edição especial da Revista *Caros Amigos* selecionou quatro poemas autorais de Elizandra Souza para a edição do último volume do periódico, que são, respectivamente, “Um feto”, “Suicídio”, “lixão” e “Maria”. O primeiro deles retrata a condição de extrema exclusão social e econômica de uma menina, que, devido a circunstâncias massacrantes desiguais de um sistema opressor, tenta sobreviver com seus poucos recursos. A sua figura é tida como uma chaga pelo olhar tendenciosamente de soslaio “De uma hipócrita sociedade/ Que vê seus filhos nas ruas /E diz que eles nada valem.” (SOUZA, LM-III, 2004, p. 30).

Nessa projeção preconceituosa da classe dominante, os carecerentes apenas se multiplicam, gerando descendentes incondicionados de sair dessa situação precária, acabando por macular cada vez mais as ruas metropolitanas. Dessa fora, a culpa da condição na qual a menina se encontra recai sobre seus pais “por a terem concebido/ E não terem prevenido/ E talvez um aborto praticado” (SOUZA, LM-II, 2004, p. 30). A consideração abortiva proposta no poema pode ser entendida de forma metafórica à questão social, uma vez que é mais fácil extinguir esse conjunto da população do que desenvolver medidas que os ajudem a sair dessa condição.

Em seu segundo poema, “Suicídio”, Elizandra identifica, através da formulação de um eu-lírico feminino, as imigrações escravagistas promovidas pela coroa portuguesa no período colonial como o problema embrionário da situação negra no Brasil. Esse desamparo territorial é colocado como uma dor que ainda é sentida por seus descendentes, conforme verificado nos versos “Sou apenas mais uma das arrancadas do seio materno / Estou com fome e frio/ E não tenho teto. / Sou eu:/ Mulher Negra (SOUZA, LM-II, 2004, p. 30).

O terceiro poema apresentado no periódico é intitulado de “lixão”, nele são retratadas as condições subumanas vivenciadas por catadores de lixo, os quais, reduzidos à condição de animais, procuram em meio aos dejetos já em putrefação algo que possa suprir a fome, para mantê-los vivos. O tom duro das linhas estruturadas pela autora pode ser fortemente sentido: Eles não se importam/ Com os vermes e as moscas /Querem apenas encontrar/ Uma forma de manter-se/ Sobrevivendo nessa/ Vida de opressão (SOUZA, LM-II, 2004, p. 30). A fome é tanta, que para essas pessoas, não importa se os resíduos alimentares consumidos já estejam contaminados.

Por fim, o seu último poema, “Maria”, apresenta, por meio de uma reconfiguração de elementos bíblicos, as desilusões e o desamparo de uma mulher grávida, que não possui recursos nem condições financeiras de sustentar o seu filho que está para nascer. O desespero que enfrentado pela moça reflete em seu filho, que agita-se em agonia da fome que irá passar no decorrer de sua vida.

Ao analisar as produções da autora, se nota que Elizandra Souza possui um perfil destoante das demais autoras estudadas até o momento no trabalho, por apresentar em suas composições poéticas “uma perspectiva negra, feminista, jovem, urbana, conectada

com as inovações tecnológicas da vida moderna” (CASTRO, 2016, p. 54). No somar exegético dos quatro poemas inseridos no último ato da edição especial da Revista *Caros Amigos*, se verifica que há tópicos fortemente consolidados enquanto base crítica de seus posicionamentos políticos e sociais, como o preconceito sofrido por pessoas a margem das estruturas sociais solidificadas enquanto oficiais, a fome, a maternidade em um meio inóspito, as condições subumanas vividas por catadores de lixo, assim como os resultados das diásporas africanas e a conjuntura na qual as mulheres negras se encontram nos presentes dias.

CONCLUSÃO

De tudo o que foi exposto no trajeto dessa pesquisa, depreende-se que a vulnerabilidade do termo “margem” incide em suas zonas limítrofes, as quais estão em um constante processo de reformulação e que se desdobram *ad infinitum*. Ao reivindicá-la enquanto sítio de identificação, Ferréz, traçou as balizas de um novo movimento literário, cuja proposta central era a projeção de autores de origem locativa suburbana e de perfis sociais minoritários.

No entanto, ao pensar na representatividade dessas minorias partícipes dos três atos da edição especial da Revista *Caros Amigos/ Literatura Marginal: a cultura da periferia*, é perceptível uma demarcação separativa relacionada às características étnicas, regionais e de gênero. Em que apenas 23% dos 48 autores contribuintes do periódico em questão habitavam estados diversos de São Paulo, 2% eram indígenas, assim como outros 2% estavam em condição de encarceramento à época do lançamento da revista e 17% eram mulheres.

As autoras Maria da Conceição Paganele, Dona Laura, Cernov, Lutigarde, Káli-Arunoé, Maria Inziné, Claudia Canto e Elizandra Souza compõem esse percentual minoritário relacionado ao gênero autoral de tão difícil inserção no meio literário. Apesar de apresentarem perfis muito diversos, elas estão unidas pelos discursos de tom politizado correlacionado ao gênero.

Ao travar um contato direto com os textos de Maria da Conceição Paganele, Dona Laura e Elizandra Souza, respectivamente, se percebe que o motriz da escrita de cada uma delas está relacionado à intensões diversas: a primeira delas não tem o propósito de se tornar uma autora de livro, no entanto escreve como forma de promover a ajuda proporcionada pela ONG AMAR às mães de crianças na Febem; a segunda, ao conhecer tardiamente as letras, desenvolve um forte vínculo com a escrita e pretende se impulsionar enquanto escritora por meio do periódico; e a terceira imprimi suas questões sociais e políticas em seu fazer poético.

Algo em comum que a três autoras apresentam em seus escritos é a condição da

mulher em diversas circunstâncias da sociedade conservadora e patriarcalista brasileira. Em “Sonho de uma mãe da Febem”, Maria da Conceição Paganele toca em questões de violência doméstica e a submissão da mulher; Dona Laura, em “Vingança de Brechó”, aponta em sua construção textual a objetificação feminina e a visão julgadora que a sociedade apresenta com relação a liberdade sexual das mulheres; e Elizandra Souza, enquanto voz negra.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Duas Cidades, 1995. 358 p.

CASTRO, Sílvia Regina Lorenso. “Elizandra Souza: escrita periférica em diálogo transatlântico”. **Grupo de estudos em literatura brasileira contemporânea**, nº 49, 2016, p. 51-77.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo, SP: Horizonte, 2012.

FERRÉZ. **Blog**. Disponível em: <http://ferrez.blogspot.com.br/>. Acesso em: 30 nov. 2017.

_____. **Capão pecado**. 2. ed. São Paulo, SP: Labortexto, 2000.

_____. Entrevista 16/05/2003. _____. In: **A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013. p. 594-665.

GONZAGA, Sérgio. “Literatura marginal”. In: FERREIRA, João Francisco (Coaut.). **Crítica literária em nossos dias e literatura marginal**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 1981. p. 143-153.

HOSSNE, Andrea Saad. Depoimento ao programa “O mundo da literatura”: Literatura marginal: tradição (30 min.). Produção: Ricardo Soares. São Paulo: Rede STV, 2003.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus: romance**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997.

MODOS da margem: figurações da marginalidade na literatura brasileira. Organização de Alexandre Faria; Coorganização de João Camillo Penna, Paulo Roberto Tonani do Patrocínio. Rio de Janeiro, RJ: Aeroplano, 2015.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro, RJ: Aeroplano, 2009.

NATALI, Marcos Piason. “Além da literatura”. In: _____. **Literatura e Sociedade**. São Paulo:

DTLLC/USP, (9), 2006, p. 30-43.

PATROCÍNIO, Paulo Tornai do. **Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, 2013.

PELLEGRINI, Tânia. “A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade”. **Revista de Filologia Românica**, 19, 2002, p. 355-370.

PENNA, João Camillo. “Capítulo 8: Mediação e inclusão”. In: _____. **Escritos da sobrevivência**. Rio de Janeiro, RJ: 7Letras: FAPERJ, 2013. p. 275-297.

POLINESIO, Julia Marchetti. "A difusão do novo modo de narrar". In: _____. **O Conto e as classes subalternas**. São Paulo, SP: Annablume, 1994. p. 153-161.

PONGE, Robert. "Literatura marginal: tentativa de definição e exemplos franceses". In: FERREIRA, João Francisco (Coaut.). **Crítica literária em nossos dias e literatura marginal**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 1981. p. 137-142.

Revista Caros Amigos/Literatura marginal. Ato I. São Paulo, agosto de 2001.

_____. Ato II. São Paulo, junho de 2006.

_____. Ato III. São Paulo, abril de 2004.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abolição 72, 128, 130, 131, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 141

Adultos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 50, 86, 110, 228, 233

Arte 34, 35, 70, 73, 74, 79, 94, 95, 97, 106, 107, 129, 140, 144, 146, 149, 154, 175, 180, 185, 187, 190, 195, 211, 212, 218, 219, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 234

Aurélio de Figueiredo 128, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141

Autobiografia 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 105

C

Cartier-Bresson 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154

Categorias 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 88, 94, 132

Crianças 3, 33, 70, 71, 78, 87, 104, 108, 109, 110, 117, 140, 208

D

Dança 138, 143, 144, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Debreagem 51, 55, 56, 59

Discurso 15, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 122, 131, 140, 149, 155, 156, 163, 166, 167, 170, 172, 186, 191, 194, 200, 218

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 21, 22, 25, 26, 30, 31, 32, 34, 41, 42, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 70, 79, 94, 123, 159, 175, 181, 183, 184, 211, 213, 226, 227, 228, 232, 233, 234

Educação a Distância 14, 16, 234

Educação Prisional 41, 42, 43, 46, 48

Enunciação 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 77

Enunciado 42, 44, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Escrita 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 42, 46, 47, 54, 82, 88, 102, 178, 186, 187, 198, 200, 201, 208, 209, 229

Existencialismo 155, 156, 164

F

Fotografia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 153, 154, 218, 220, 222

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 15, 18, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 50, 67, 81, 94, 96, 97, 99, 100, 102, 105, 106, 107, 129, 177, 178, 179, 181, 183, 186, 199, 201, 203, 204, 208

Guerra Civil Espanhola 70, 71, 72, 73, 74, 75, 79

I

Iconografia musical 128, 133

Implante 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117

J

Jovens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 21, 50, 64, 102, 176, 177, 182, 205, 228, 229, 232, 233

L

Langston Hughes 70, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 80

Leitura 1, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 31, 32, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 46, 49, 50, 71, 72, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 92, 93, 111, 186, 199

Letramento 1, 2, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 29, 31, 32, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 81, 84, 87, 92

Letramento literário 32, 39, 40, 81, 84, 87, 92

Letramentos Acadêmicos 14, 17, 19, 20, 22, 23, 27

Literatura 32, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 49, 70, 71, 72, 75, 79, 81, 82, 83, 91, 92, 96, 102, 119, 129, 155, 156, 157, 159, 163, 166, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 208, 209, 210, 213

Ludicidade 81, 84, 85, 86, 87, 89, 92

Luiz Vilela 155, 156, 163

M

Metodologia 25, 26, 36, 43, 81, 86, 87, 89, 113, 191, 219, 227, 228

Musicoterapia 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117, 118

P

Percepção Musical 108, 110, 111, 114, 116, 117

Pintura 96, 98, 128, 130, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 144, 147, 149

Poema 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 120, 121, 207

Poesia 34, 70, 71, 73, 79, 80, 81, 83, 86, 87, 88, 89, 92, 132, 137, 139

Políticas públicas 41, 42, 47, 48, 180

Português Paulistano 62, 63, 64, 65

Práticas 1, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 29, 31, 32, 43, 46, 47, 49, 50, 103, 110, 182, 186, 187, 189, 190, 193, 194, 195, 231, 232

S

Sartre 155, 157, 160, 161, 162, 164

Sociolinguística 62, 64, 65, 66, 68

Surrealismo 94, 95, 103, 106

T

Tempo 1, 10, 11, 30, 34, 44, 51, 53, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 70, 75, 77, 79, 82, 85, 96, 100, 101, 102, 132, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 168, 169, 171, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 201, 211, 214, 219, 223, 226, 229

Trabalho de Conclusão de Curso 14

V

Variáveis sociolinguísticas 62, 63

 **Atena**
Editora

2 0 2 0